Fundo Municipal
de Apoio à Cultura

ODRADEKIANAS

artistas: Ilca Barcellos · Maria Carmen von Linsingen
Rosana Bortolin · Sara Ramos

curadoria: Rosângela Miranda Cherem

Inverno de 2016

ODRADEKIANAS

artistas: Ilca Barcellos · Maria Carmen von Linsingen
Rosana Bortolin · Sara Ramos

curadoria: Rosângela Miranda Cherem

Inverno de 2016

Texto curatorial:
Rosângela Miranda Cherem

Projeto editorial e produção:
Fernanda do Canto

Fotografia:
Carlos Pontalti

Assistente de fotografia:
Rogério Satil

Catalogação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

O27 Odradekianas : artistas: Ilca Barcellos, Maria Carmen Von Linsingen, Rosana Bortolin, Sara Ramos; curadoria: Rosângela Miranda Cherem / Texto curatorial: Rosângela Miranda Cherem; fotografia: Carlos Pontalti. – Florianópolis : Letras Contemporâneas, 2016.
146 p.
Produto cultural patrocinado pela Prefeitura Municipal de Blumenau e Fundação Cultural de Blumenau por meio do Fundo Municipal de Apoio a Cultura de Blumenau.
Inclui referências.

1. Arte – Catálogo. 2. Exposições. 3. Artistas. I. Cherem, Rosângela Miranda. II. Pontalti, Carlos.

CDU: 7

ISBN: 978-85-66712-23-0

Este produto cultural foi patrocinado pela Prefeitura Municipal de Blumenau e Fundação Cultural de Blumenau por meio do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Blumenau.

Fundo Municipal de Apoio à Cultura
conselho municipal de política cultural BLUMENAU
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
PREFEITURA BLUMENAU

ODRADEKIANAS

Rosângela Miranda Cherem[1]

As artistas que comparecem nesta exposição não esculpem nem fundem, mas operam através de gestos relacionados ao ato de modelar, apalpar, amassar, torcer. Ao desfazer e refazer a matéria, buscam o inantecipável e a figuração da coisa outra. Por meio de procedimentos que desconhecem a ordem e a classificação, conseguem articular os reinos animal e vegetal, as naturezas orgânica e artificial, os limites entre provável e possível, previsível e impremeditável. O resultado consiste na criação de formas autônomas e em constante metamorfose, coisas díspares e súbitas que aproximam e validam heteróclitos que se tornam compostos de familiaridades e estranhezas.

Odradek é o título de um conto e também o nome do protagonista descrito por Kafka como uma criatura cuja forma é difícil de reconhecer, possui domicílio incerto, apresenta grande mobilidade e não se deixa capturar. Trata-se de um ser impossível, uma invenção que ultrapassa a mais palpável das realidades e, segundo seu autor, um ser inexistente que sobrevive ao existente. Conforme este entendimento, as obras que aqui comparecem são formas odradekianas, ou seja, são ao mesmo tempo silenciosas,

[1] *Rosângela Miranda Cherem* é curadora da exposição *Odradekianas*, Dr.ª em História (USP, 1998) e Dr.ª em Literatura (UFSC, 2006). Prof.ª do PPGAV- CEART-UDESC.

posto que há nelas algo que não é possível abarcar e cujas palavras não funcionam de modo discursivo, interrompendo as regras e deslindando o irredutível; como também contêm algo reverberante, sendo uma sorte de organismo vital, sobre o qual sempre resta algo a dizer, fazendo com que a acumulação tranquila daquilo que se conhece ceda seu lugar ao proliferante.

Na singularidade de cada uma das artistas destaca-se um repertório visual e conceitual, seja plástico ou teórico, ficcional ou documental processado como índice de um pensamento em constante experimentação. Em seus trabalhos incidem referências e memórias, sensibilidades e habilidades, construções poéticas e soluções matéricas, noções operatórias e alternativas de fatura, que vão além da obra pensada como um simples produto estético, fruto da subjetividade romântica e da arte como mera expressão individual. Criam formas para além dos limites sobre *o que isto quer dizer,* pondo-se diante de um *o que é isto.* Assim, tornam-se capazes de fazer surgir uma diferença, lançando-se num território situado fora da vida corrente, dos estereótipos e zonas de conforto, ultrapassando o repertório dos temas relacionados meramente ao espaço privado, alcançando outras heranças e espectros de experimentação, ignorando identidades fixas ou pré-estabelecidas em proveito da alteridade.

Ilca Barcellos (Pelotas/RS, 1955) entre 1974 e 1978 cursou Graduação em Ciências Biológicas na UFSC e entre 1982-1984, fez um mestrado d'Études Approfondies en Biologie Végétale na Université Pierre et Marie Curie - PARIS VI. Por muitos anos foi professora de Biologia no Colégio de Aplicação da UFSC, recorrendo frequentemente ao desenho de seres vivos e à formas cerâmicas como recurso para ilustrar suas aulas. Quando se aposentou em 2005, passou a fazer cursos de cerâmica no CIC e em seguida passou a participar de salões e exposições coletivas e individuais, nacionais e internacionais. Reconhecendo a autonomização e metamorfose das formas, aponta três momentos. Numa fase inicial, remetia a um jogo lúdico com a nomenclatura científica e as formas da taxonomia pós-Lineu. Depois passou aos seres imaginários, tornando mais explícita a indistinção entre provável e possível, previsível e incontrolável, orgânico e artificial, animal e vegetal, criação e ready made, masculino e feminino. Mais recentemente sua hibridização resultou numa experimentação com outros materiais (EVA, poliuretano, metal, madeira, tecidos, fios), além de formas engendradas entre si como elos gerados e distribuídos conforme o ambiente expositivo. Através de objetos e intalações tem participado de diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e no

exterior, incluindo salões e bienais. Ao permitir que a matéria vá indicando a forma, seres híbridos são engendrados como seres- objetos que se multiplicam e espalham pelas paredes e chão, remetendo às formas primigênias, onde não há hierarquia nem precedência, sendo que as criaturas parecem contestar a própria ontologia.

Maria Carmen von Linsingen (Florianópolis/SC, 1955) graduou-se em Educação Artística pela UDESC em 1976 e seguiu sua formação fazendo diversos curso em tear ao longo dos anos 1990. No final desta mesma década começou a expor seus trabalhos em Blumenau e desde então vem participando de exposições coletivas e individuais pelo Brasil. Em 2012, expôs também no Centro Argentino de Arte Textil em Buenos Aires/Argentina. Os trabalhos em feltro são um desdobramento da sua trajetória de tecelã, sendo que as fibras sofrem uma espécie de esfacelamento e depois são moldadas gerando novas formas, onde os compósitos vegetais e as pedras preciosas engendram uma natureza outra, nem vivente e nem mineral, mas criações oriundas de um jardim das delícias, em que a cartela singular de cores nada mais faz do que lançar o fascínio e o desejo de reconhecer aquilo que medrou apenas na manhã adâmica.

Sara Ramos (Florianópolis/SC, 1958) é formada em Educação Artística UDESC e Língua e Literatura Portuguesa na UFSC. Seus trabalhos têm sido apresentados em diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e exterior desde o final dos anos noventa. Ao lutar com a matéria para fazer dela outra coisa, cria seres totêmicos em proporção quase humana, onde o lúdico e o decorativo surgem com leveza e bom humor, mas também comparecem pequenos seres alheios ao olhar do outro, presos em seu isolamento. Assim, considerando estas duas possibilidades, o que se destaca é uma espécie de espelho sutil da própria complexidade humana, quer em situação de disfarce tribal, quer em cena de solidão contemporânea. Outro aspecto desta ceramista está relacionado diretamente com a culinária, registrando a presença de pratos e comidas como objetos para além da funcionalidade, mas destinados a provocar um engano de olhos (do *ready made* ao simulacro) e a demandar uma maior observação sobre diferentes espessuras, jogos de brilho e opacidade, além do próprio caráter artesanal ou industrial. Recorrendo à argila pronta, processa suas misturas e experimentações, contemplando em sua fatura primorosa referências a Brenan, Miró, Brancusi, Rachel Witheread. Em muitos momentos suas formas brotam de desenhos realizados previamente como esboços

e frequentemente sua manualidade demanda a repetição de pequenas formas, destinada ao uso serial e modular.

Rosana Bortolin (Passo Fundo/RS, 1964) é licenciada e bacharel em Desenho e Plástica, Especialista em Cerâmica pela Universidade de Passo Fundo, é mestre em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes, SP. Doutoranda em Escultura na Universidade do País Vasco em Bilbao, Espanha, é também professora no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, CEART – UDESC. Expõe regularmente desde 1984 e dentre as séries apresentadas em exposições individuais encontram-se *Ovóides* (questão feminina), *Guardiões* (leituras de Yung, objetos mais verticais e totêmicos), *Alguidares* (luta para encontrar a dialética da matéria e deixar que ela fale por si), *Habitar Ninhos* (onde realiza micro intervenções pelos lugares que percorre) e *Profano – Sagrado* (provocação sobre o canônico). Em seus trabalhos mais recentes observa-se uma abordagem explicitamente mais política, onde cultura e religião se cruzam nas séries com genitálias, destacando o controle da sexualidade e do desejo feminino. As formas rugosas que perturbam a solidez do corpo e interrogam a matéria orgânica apresentam uma espécie de provocação ou ironia demolidora, sendo que os orifícios e entranhas remetem ao mistério da criação e assinalam a perturbadora proximidade entre os mais diferentes seres vivos e a natureza mineral comum a todos.

Recorrentes e diversos, perturbadores e reverberantes, assim são os trabalhos das artistas que comparecem neste catálogo. Elaborados a partir de diferentes arquivos e repertórios, gestos e faturas, partilham uma modalidade particular de ser, formado como blocos de sensibilidades e percepções que ultrapassam as limitações geográficas ou biológicas, cronológicas ou culturais, ainda que inscritos em certas heranças e referências. Marcadas pelo princípio da alteração e repetição, ou seja pela recorrência, ainda que travestidas pela constante movência e metamorfose, bem como obstinadas por certos detalhes e fragmentos que figuram através de similitudes inverificáveis, é assim que as obras artísticas aqui apresentadas falam do tempo e lugar no qual nasceram.

Num texto intitulado *Além do princípio do prazer*[2] (1920), Freud descreve a cena em que uma criança com cerca de um ano e meio, deixada num ambiente pela mãe, aguarda o seu retorno. Enquanto isto não acontece, na solidão de sua espera, põe-se a brincar com um carretel que joga para baixo do sofá e busca novamente, puxando-o por um fio. Explorando o conceito de *alteração*, o psicanalista explica a relação entre a ausência materna e a transforma-

[2] FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Lisboa: Relógio d'Agua, 2009.

ção do objeto em brinquedo como uma espécie de assassinato simbólico e um processo de substituição da falta. Discordando de que o prazer e a dor são polos opostos, sob certas circunstâncias, a criança, como os neuróticos e os artistas, repete o que lhe causou grande impressão como um modo de se tornar senhora da situação, esforçando-se para obter a tolerância do desprazer e assim poder restaurar um estado anterior. Ainda que fora da abordagem psicanalítica, esta noção de repetição com alteração pode ser desdobrada num texto de Deleuze**,** onde refletindo sobre o pensamento que opera através da composição serial, observa que no movimento da *diferença como repetição*[3], a diferença consiste no poder do diverso e a repetição nada tem a ver com as leis da permanência que possibilitam que um termo possa ser traduzido por outro e o particular possa ser reposto e substituído, mas com uma vibração secreta que se inscreve como transgressão, a qual acolhe o traço do desvio e do insubstituível. Assim, a alteração, como um tipo de repetição com diferença, não parece ser uma condição a ser considerada para se pensar as singularidades e deslocamentos nos trabalhos dessas artistas?

De sua parte, Walter Benjamin[4] reflete como certos procedimentos guardados nos primórdios da magia e das caçadas permitem pensar, tanto o mimetismo das brincadeiras como do cientista, onde as similitudes são construídas, embora mantendo o inexplicável salto em que algo pré-existente parece escapar. Também reflete sobre os processos que engendram a semelhança, observando que os mesmos fazem parte de um repertório filogenético que atravessou da pré-história à antiguidade, perpassando a leitura de pegadas e o poder revelador dos astros, vísceras e outros acasos, através dos quais o destino humano seria vinculado, persistindo na força onopatopaica das palavras, no poder revelador da escritura e da grafologia. Assim, permite pensar um procedimento ancestral e renitente da experiência humana, marcado pelo princípio a que chamou de busca da semelhança inverificável, movida por uma percepção mais alcançável pela intuição do que pela racionalidade. Ao situar a semelhança sobre o fluxo das coisas, era a própria linguagem que se elaborava, construindo conexões instaladas sob os equívocos da vidência que se acreditava ou fazia passar por evidência. Fragmento inquietante e semelhança incidental não seriam dimensões importantes a serem considerados para alcançar as particularidades que se alojam nas premeditações e nos deslocamentos e adulterações mnemônicas presentes nos trabalhos de Rosana Bortolin, Ilca Barcellos, Maria Carmen e Sara Ramos?

[3] DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

[4] BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: **Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1985, vol. I.

Vermelhos (2014-2015): Placas de EVA modeladas pelo calor em diversos tamanhos.

ILCA BARCELLOS

Exposições individuais no Brasil e no exterior:

Ludo Transgenia (2007)
Ecos da Pele (2008)
La Génétique Hédoniste (2008)
Temporalidades Táteis (2011)
Squatting (2011-2012)
La Mise en Abyme (2013-2014)
Pulsar da vida (2014)

Prêmio Aquisição MASC (2007-2008)
Salão dos Jovens Artistas, Florianópolis/SC

Residências Artísticas na *Maison des Arts et de la Culture* de Brompton em Sherbrooke/ Canadá (2008) e no *Atelier Doña Iris* em Camaguey/Cuba (2012).

Caminhantes (2014-2015): Placas de EVA, fios de metal e espuma expansiva de tamanhos diversos.

MARIA CARMEN VON LINSINGEN

Exposições individuais:

MANUFATURADO (2013/2014)
NOSCASULOS (2014 /2015/2016)
COR'rompida (2015/2016)

Exposições coletivas:

Atualidades da arte têxtil (1997)
Releitura (1998)
Nas malhas da arte (2006)
Tenet (2011/2012/2013)
Mostra têxtil/tranformações (2012)
Violeta Textil Recoleta CAAT (2012)
Entrenós quem sois vós – MESC (2015)

Prêmio Aquisição *Nas Malhas da Arte* – Fundação Cultural Alice Seiler em Blumenau/ SC (2006).

Diversas obras (2014-2016): Peças feltradas de tamanhos variados em lã de carneiro modelada.

ROSANA BORTOLIN

Organismos: conjunto de órgãos que constituem um sistemas: organização: organiza a ação – seja ela social, política, religiosa, acadêmica ou mesmo artística.

Últimas participações de 2016:

International Art Ceramic Symposium Baikal-CeraMystica – 5th Season em Lago Baikal, Olkhon Island, Khuzhir Village/Rússia.

Martinsons Award' exhibition no DAUGAVPILS MARK ROTHKO ART CENTRE, Letônia.

Organismos (2014-2015): Várias peças cerâmicas de tamanhos variados modeladas individualmente, feitas de massas cerâmicas com diversas composições.

ENGOLIdores (2015): Diversos materiais modulares que somam 40x40x120cm.

Sem título (2011): Gambás desidratados naturalmente e pintados com tinta dourada.

Íntimo-plural (2015): Peças em argila com cerca de 8cm de altura.

SARA RAMOS

Principais exposições:

Reverso Plural Florianópolis/SC (2007)
(co) Existência Blumenau/SC (2011)
Intime Pluriel Paris/França (2013)

Principais participações em Salões:

5th International Prize of Contemporary Ceramics na Espanha (2005)

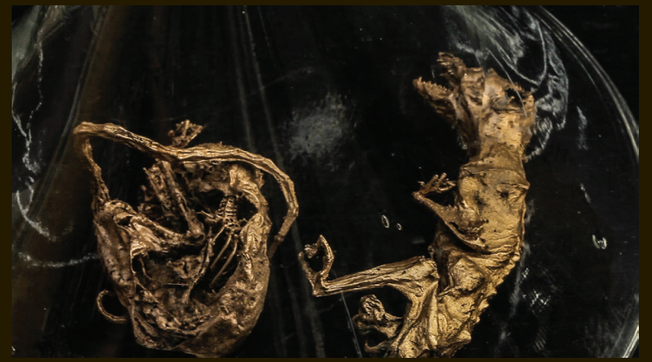
VII Bienal de Cerâmica Artística de Aveiro/ Portugal (2007)

Ceramic Mosaic Mural Hanoi Arts no Vietnam (2009)

Prêmio Especial *Doña Iris* no *IV International Ceramic Tile* na República Dominicana (2010)

Prêmio Fundacion Igneri *Arte y arqueología/Best of show* no *V International Ceramic Tile Triennial* na República Dominicana (2014)

Catálogo impresso em Minion Pro, em papel couchê fosco pela Gráfica Printi em Junho de 2016. Tiragem de 1.000 exemplares.



Este produto cultural foi patrocinado pela Prefeitura Municipal de Blumenau e Fundação Cultural de Blumenau por meio do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Blumenau.

Fundo Municipal de Apoio à Cultura

cmpc conselho municipal de política cultural BLUMENAU

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

PREFEITURA BLUMENAU